

O incentivo da leitura na biblioteca escolar

Diego A. Salcedo

Jailiny Fernanda Silva Stanford

Resumo: Parte do pressuposto de que é relevante indicar, desde cedo, o universo da leitura à criança. Mostra que a prática de leitura faz parte do cotidiano humano e que é uma das maneiras de adquirir, produzir, organizar, usar e transmitir conhecimento. Considerando esses pressupostos tem como objetivo explorar as dificuldades relacionadas às práticas de incentivo a leitura em bibliotecas escolares. Para isso, realiza uma revisão bibliográfica e um debate teórico. Identifica, analisa e explora os hábitos da leitura, o papel da biblioteca escolar e o processo de mediação que pode estimular na formação de crianças leitoras. Conclui que a biblioteca escolar é um mecanismo pedagógico e mediador essencial para incentivar o hábito de leitura nas escolas, por meio de atividades de prática leitoras, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Palavras-chaves: Biblioteca escolar. Conhecimento. Leitura. Mediação.

1 INTRODUÇÃO

A leitura é um exercício, ao mesmo tempo, solitário e coletivo. Para uns, prática cotidiana importante na atribuição de sentidos e de sociabilidades. Para outros, estética da nostalgia considerando a relação de engajamento entre escritores e seus leitores. Por exemplo, para Martins (2005, p. 32), a leitura é, antes de mais nada, “uma experiência individual, cujos limites não estão demarcados pelo tempo em que nos detemos nos sinais ou pelo espaço ocupado por eles”. Na atualidade, no debate sobre uma pluralidade contemporânea, a leitura tem sido, também, um instrumento que permite um posicionamento crítico do leitor: sujeito pós-moderno que, com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação, consome e produz conteúdos, mercadorias e sentidos.

Nesse sentido, Castells (2002, p. 40), apesar de não direcionar seus estudos sobre os conceitos que interessam a esta pesquisa, a leitura e a biblioteca escolar, sugere como debate internacional importantes elementos críticos que se aproximam e, talvez,

influenciam as práticas de incentivo à leitura e o papel social e mediador das bibliotecas escolares:

um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global de produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos.

Por outro lado, Salcedo (2014, p. 214) lembra que,

para muitas pessoas, mais capacidade de produzir e usar informação seria uma evidência irrefutável, ou até, sinônimo de “progresso”. O fato é que, por um lado, o aumento de capacidade de produção e uso de informação foi das máquinas, não da mente humana. Pelo outro, essa assunção de “progresso”, cria mais exclusão, concentração de renda e subdesenvolvimento.

Assim, continuando sua reflexão e posicionamento, Salcedo (2014, p. 216) sugere que:

esse processo acarreta e possibilita a integração de aparatos, modelos, métodos, linguagens e discursos que, se antes eram tratados separadamente, hoje são conteúdos produzidos, distribuídos e consumidos por meio de múltiplas plataformas, tendo em vista as particulares linguagens de cada uma. Esse panorama, com potenciais possibilidades de inovação, traz consigo novos desafios: talvez, o mais iminente seja a educação.

É nesse sentido, o da relação entre o que afirma esse autor e o papel da biblioteca no âmbito da educação, que este texto será norteado, ou para identificar, analisar e explorar as dificuldades relacionadas às práticas de incentivo a leitura em bibliotecas escolares a partir da revisão de literatura e de debate teórico.

Para isso, alguns pressupostos foram considerados, a saber: indicar a relevância do universo da leitura à criança desde seus primeiros momentos no espaço escolar; apresentar a prática da leitura como atividade inerente ao cotidiano; oferecer condições, a partir do uso do espaço da biblioteca escolar e das práticas de incentivo à leitura, para que os jovens leitores adquiram e produzam conhecimentos.

2 LEITURA

O conceito de leitura, por sua polissemia, merece um olhar cauteloso. Assim, parece salutar perpassar por algumas das significações etimológicas dos termos. Se em Ferreira (1988, p. 390), as acepções do verbete “leitura” querem dizer: “ato ou efeito de ler; arte ou hábito de ler; aquilo que se lê; o que se lê, considerado em conjunto; arte de decifrar e fixar um texto de autor, segundo determinado critério”, então, vinte e um anos depois, o mesmo autor (FERREIRA, 2009, p. 1193) sugere algumas alterações: “ato ou efeito de ler; arte de ler; hábito de ler; aquilo que se lê: não sei qual é a sua leitura; o que se lê, considerado em conjunto”.

Por sua vez, no que concerne ao campo da Biblioteconomia, Cunha (2008, p. 222) sugere as seguintes acepções ao verbete “leitura”, as quais ampliam de maneira considerável o debate etimológico: “ato ou efeito de ler; ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; ação ou efeito de copiar geralmente em uma forma de armazenamento para outra e, em particular, de armazenamento externo ou secundário para a memória principal”.

Com fundamento nesses conceitos podemos dizer que a leitura é um exercício que faz parte da vida das pessoas, mesmo que ela seja desempenhada de forma diferente, ela colabora para a formação intelectual e pessoal. É por meio dela que podemos fazer reflexões sobre o nosso aprendizado. Nesse sentido, segundo Martins (2005, p. 22) nos lembra que:

[...] Saber ler e escrever, [...] entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das

capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade.

Por sua vez, Bamberger (2008, p. 9) diz que “nos tempos antigos, antes da invenção da imprensa, reservava-se a pouquíssimos o privilégio da leitura, e, mesmo depois do Século do Humanismo, ela só seria acessível a uma elite culta”. Com o passar do tempo e com o aparecimento da prensa de tipos móveis de Gutenberg, em torno de 1450, ocorreu a divulgação dos livros.

A partir desse avanço tecnológico do medievo, Martins (2005, p. 187) conta que: assim se revelava aos olhos espantados do homem quatrocentista um novo mundo. [...] O homem adquire, através da imprensa, a plena consciência da sua força espiritual e se atira ao livro como o sedento se atira à água. As tiragens fabulosas atingidas nessa época demonstram que o livro vinha responder a uma necessidade [...] Havia nessas populações que não conheciam o livro uma extraordinária fome de leitura: nenhuma invenção terá surgido mais do que a imprensa no seu momento próprio.

Para além das pistas históricas da leitura, Freire (2011) diz que é preciso uma “leitura de mundo”, do espaço ou situação em que o indivíduo se coloca. Ele afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, ou seja, uma pessoa antes de ser alfabetizada e aprender a interpretar as palavras escritas num livro, já saberia ler a vida.

“Ler o mundo” quer dizer ler os signos: os objetos, os cenários, as sensações, as coisas, os sinais, entre outros. Vejamos o seguinte exemplo: uma criança, que não sabe ler, vê muita fumaça saindo de um ambiente. Mesmo não sendo alfabetizada, a criança “lê” o que está incluído no mundo – no nosso caso, o signo “fumaça” – e percebe que aquilo pode querer dizer algo, entre outras coisas, fogo.

A partir disso, a pessoa pode desenvolver sua linguagem, aprendendo determinadas habilidades de pronúncias para desenvolver um bom vocabulário. Assim, para Alliende e Condemarín (2005, p. 20):

há ainda o fato de que a leitura é a grande fonte de incremento do vocabulário. Graças às pistas dadas pelo contexto, o leitor pode incorporar sem dificuldades novas palavras a seu léxico; a imagem gráfica da palavra serve de ajuda eficaz para sua lembrança e explica a correlação positiva que existe entre leitura e ortografia, tal como foi descrito no primeiro item.

Segundo Martins (2005), muitas vezes encontramos várias sensações motivadas em nossa memória, cenas e ocasiões descobertas no momento da leitura de um romance, a importância de um filme, ou uma realização de uma canção. O significado daquilo que preservamos em nossa memória se torna especial na nossa vida.

Isso remete à ideia de Calvino (1993, p. 11), que defende uma memória do leitor como uma forma de lembrar das leituras que nos marcaram, que fizeram parte da nossa história intelectual, definindo os momentos e ocasiões que fizeram dos textos um período inesquecível: “clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, ou seja, ler um clássico é, portanto, uma incessante descoberta.

O desenvolvimento do caráter infantil depende de vários fatores e um dos mais importantes é a questão da leitura. Seu costume produz consequências por toda a vida do indivíduo. A leitura traz benefícios para a sociedade, estimulando o desenvolvimento de um olhar reflexivo, permitindo a produção e intensificando cada vez mais a elaboração de ideias e ações, a ampliação de seu vocabulário além de profissionais habilitados e competentes. Dessa maneira, para que se conquiste um leitor é preciso que ele queira “ler porque ele quer ler”, sem cobranças, sem responsabilidade com o texto ou análises do mesmo.

Por isso, é essencial que o exercício da leitura seja estimulado desde a infância para efetivar a leitura, porque essa é uma etapa de formação cognitiva em que a criança poderá concretizar o hábito de ler, fazendo-se presente no cotidiano de todos os leitores.

3 BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar é um ambiente em que os alunos localizam material para acrescentar na sua aprendizagem e ampliar sua criatividade, imaginação e senso crítico. É na biblioteca que podem identificar a complexidade do universo que os cerca, descobrir seus gostos, pesquisar aquilo que os interessa, obter novos conhecimentos e fazer escolhas de suas leituras preferidas.

Nesse conceito são colocadas ideias de que a biblioteca escolar participa do processo educativo escolar como elemento fundamental do desenvolvimento e aprendizagem constante, agindo também como um espaço de lazer. É um ambiente em que os alunos localizam material para acrescentar na sua aprendizagem e ampliar sua criatividade, imaginação e senso crítico. É na biblioteca que podem identificar a complexidade do universo que os cerca, descobrir seus gostos, pesquisar aquilo que os interessa, obter novos conhecimentos e fazer escolhas de suas leituras preferidas. Segundo Stavis, Koch e Drabik¹ (2001, p. 36 apud PITZ, 2011, p. 405):

a biblioteca escolar deve incentivar e disseminar o gosto pela leitura junto à criança, por meio do acervo organizado e integrado aos interesses da instituição, bem como da estrutura e funcionamento. A biblioteca escolar em cumprimento a sua função educativa motiva a busca pelo conhecimento, desenvolve no aluno o gosto e o hábito pela leitura e atitude de busca da informação.

A boa aprendizagem da leitura é essencial para impedir prováveis dificuldades que podem surgir no decorrer da vivência do aluno, porque várias dificuldades de leitura podem revelar-se quando o adulto entra na faculdade e no mercado de trabalho, pois conforme Cagliari (2008, p. 148) “A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura”.

¹ STAVIS, J. C.; KOCH, M. M. G.; DRABIK, V. R. Biblioteca escolar ao alcance das mãos. *Revista PEC*, Curitiba, v. 1., n. 1, p. 35-38, jul.2000-jul.2001.

A Federação Internacional de Associações de Bibliotecários (IFLA, 1999) em relação ao tema ensino-aprendizagem abrangendo a biblioteca escolar, por meio do “Manifesto da UNESCO para a Biblioteca Escolar”, afirma:

a biblioteca escolar (BE) propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem-sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis (IFLA, 1999).

Relacionando e contextualizando as ideias discutidas anteriormente, é possível compreender que a biblioteca escolar tem função determinante na formação de novos leitores, assim como no auxílio ao desenvolvimento de cidadãos críticos.

O incentivo à leitura, agregado ao desenvolvimento de ensino e aprendizagem, por meio de serviços bibliotecários colabora para que crianças e adolescentes ampliem o hábito de ler. Caldin (2005, p. 163) afirma que:

o bibliotecário tem uma responsabilidade enorme, pois dependerá dele (de seus próprios valores e crenças), o resultado das ações efetuadas dentro da biblioteca. Se ele considerar a educação em um sentido amplo, não limitado somente ao ensino, mas principalmente voltada à formação de hábitos e atitudes do aluno, ele não se restringirá a ser um mero técnico-administrativo a serviço da escola. Ele vai lutar pela conquista da igualdade de oportunidades sociais que possibilitem a todos os estudantes o acesso ao conhecimento registrado.

Determinadas escolas, quando têm uma biblioteca escolar com um acervo apropriado para atender o usuário, arquivam os livros como muita preciosidade, onde não podem ser tocados e certos livros ainda são guardados em armários. Sendo assim, as bibliotecas escolares não atingem seu maior papel que é desenvolver e estimular a

leitura e a informação, ou seja, a biblioteca é vista como um museu. Assim, conforme Cagliari (2008, p. 177):

alguns diretores transformam as bibliotecas em museus que os alunos vão visitar uma vez por ano, quando, ao contrário, a biblioteca de uma escola tem que ser o mais dinâmica possível, pois é de fato um complemento necessário, indispensável à formação dos alunos, tanto quanto as aulas e os professores.

A escola tem função essencial nesse contexto, porque ela é o primeiro ambiente de construção da leitura e da escrita de modo consciente. E é dela o dever de promover táticas e condições para que ocorra o desenvolvimento individual do aluno, despertando-lhe interesse e habilidades básicas de ensino.

Na escola os alunos melhoram e ampliam suas aptidões de leitura por meio de recursos pedagógicos e condições para a prática. Para Hillesheim e Fachin (2003) “o objetivo principal da escola consiste em oferecer aos seus alunos habilidades e competências necessárias para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional”. Nesse sentido, a escola deverá contar com uma forte aliada: a biblioteca.

Uma biblioteca escolar bem organizada e um profissional bibliotecário capacitado a conduzir o trabalho de disseminação da informação, de maneira dinâmica e criativa, certamente favorecerão ao alcance de resultados positivos quanto aos objetivos desejados para o desenvolvimento da leitura. Conforme sugere o Manifesto da UNESCO para biblioteca escolar (IFLA, 1999, p. 2-3) que propõe os seguintes objetivos:

apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;

desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;

oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltadas ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;

apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;

prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões;

organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;

proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;

trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;

promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor.

Com estes objetivos, ela será indiscutivelmente uma importante ferramenta de educação e dará maior dimensão ao processo de aquisição de conhecimento. Para Bamberger (2008, p. 78), “a principal deficiência de muitas bibliotecas escolares é não oferecerem escolha suficiente. As crianças têm de pegar o que encontram”. Essa ausência de escolha faz com que as crianças fiquem decepcionadas e, as visitas à biblioteca, tornam-se desinteressantes.

Nas bibliotecas escolares, uma realidade comum é a constituição de acervos onde os livros que se encontram nas estantes estão desatualizados, fazendo com que os alunos não despertem o gosto pela pesquisa e leitura. Em vista disso, o ideal seria que a biblioteca escolar tivesse um acervo atual diversificado, conforme as idades dos leitores, espaço físico adequado e livros em bom estado. Silva (2003, p. 37) também concorda que o acervo da biblioteca escolar deve ser diversificado:

a biblioteca é potencialmente um dos espaços que mais podem contribuir para o despertar da criatividade e do espírito crítico do aluno, tendo em vista os diferentes tipos de documentos que podem constituir o acervo e os variados serviços e atividades que ela pode desenvolver.

Embora as bibliotecas escolares tenham importância para desenvolvimento do raciocínio do estudante, elas expõem uma realidade bem afastada do ideal, sobretudo as bibliotecas escolares públicas, onde a situação é mais preocupante, as condições de uso estão longe da bibliografia que descreve o seu funcionamento e estrutura. Existem colégios que tem um lugar proposto para as bibliotecas, no entanto, pela falta de investimento, de recursos e de profissionais da área, a biblioteca escolar não passa de um simples espaço desamparado sendo aproveitado para outros fins. Assim, segundo Silva (2003, p. 15):

de fato, quando existem nas escolas espaços denominados bibliotecas, estes não passam, na maioria dos casos, de verdadeiros depósitos de livros ou, o que é pior, de objetos de natureza variada, que não estão sendo empregados no momento, seja por estarem danificados, seja por terem perdido na sua utilidade. Às vezes, a “biblioteca” é um armário trancado, situado numa sala de aula, ao qual os alunos só têm acesso se algum professor se dispõe a abri-lo... quando a chave é localizada.

Conforme Fragoso (2002), as atribuições da biblioteca escolar podem ser determinadas em duas categorias, educativa e cultural. A educativa atua como dispositivo de autoeducação, levando o aluno a uma busca de conhecimentos, desenvolvendo a prática de leitura e ainda auxiliando na consulta e uso do livro e da biblioteca. Na segunda categoria – cultural – a biblioteca escolar torna-se uma complementação da educação formal, oferecendo várias possibilidades de leitura, além de expandir seus conhecimentos e visão de mundo.

Dessa maneira, a biblioteca escolar desenvolve seu papel cultural-educativo e promove serviços de apoio à aprendizagem, tornando acessível o acervo aos alunos da comunidade escolar. Para Balça (2006, p. 209) “a biblioteca escolar precisa ser um ambiente onde se promove o trabalho independente, a investigação, o apoio ao trabalho dos docentes, como também deve ser um espaço de lazer”.

Enfim, a biblioteca escolar deve servir como um elo entre o livro e o aluno, objetivando, assim, mover o mesmo para uma leitura prazerosa, para que esse possa adquirir a prática da leitura e a habilidade de pesquisar. Isso colabora para desenvolver e enriquecer sua experiência pessoal, tornando-o assim, um cidadão consciente, informado e participante.

4 PRÁTICAS DE INCENTIVO À LEITURA EM BIBLIOTECAS ESCOLARES

As práticas de incentivo à leitura devem ser refletidas com o objetivo de que a escola possa ver a criança como ser pensante e atuante do mundo. A biblioteca escolar deve oferecer um espaço onde as crianças possam absorver e adquirir informações.

Sendo assim, Hilleshein e Fachin (2003) destacam que compete ao bibliotecário escolar a procura para interagir com os alunos e sua inclusão na estrutura funcional da escola, passando a participar de todo o procedimento da organização, fazendo-se presente nas atividades das múltiplas disciplinas.

Para Silva (2003, p. 79), “o bibliotecário escolar deve dedicar-se menos às atividades mecanizadas e muito mais a programas de incentivo à leitura, junto aos alunos, com o apoio de outros educadores, como os professores e os especialistas”.

Para ter o caráter de modo ativo e interativo, tem que se avaliar como papel fundamental que a biblioteca escolar opere como instrumento auxiliar e integrante da escola, promovendo aos estudantes o livre acesso aos materiais educativos, ao universo imaginário do saber, das descobertas e dos sonhos. Nesta mesma linha de pensamento, Pacheco (2007, p. 305) assegura que:

a biblioteca, como serviço de informação, insere-se no âmbito dos recursos pedagógicos, ou melhor, constitui-se como o

laboratório, por excelência, da práxis educativa. [...] ensina a localizar e usar informações, quer estejam registradas sob suporte impressos ou não impressos. Estimula o desenvolvimento e/ou fortalecimento do hábito de leitura, condição indispensável para que o usuário possa usufruir dos benefícios do acesso à informação.

A biblioteca, na qualidade de lugar de mediação de leitura, pode modificar-se num ambiente capaz de motivar as crianças à leitura, oferecendo a elas o encontro com o livro e outros recursos informacionais. Dessa forma, instiga o acesso à leitura, dando-lhes vida por meio de ações dinâmicas, que confirmem o intercâmbio entre educação e informação. Com isso, pode despertar o interesse da sociedade pela literatura, colaborando assim para o hábito da leitura e de cidadãos críticos e conscientes.

Sendo assim, antes mesmo de os estudantes tomarem conhecimento de todos os espaços da escola, os docentes precisam mostrar inicialmente a biblioteca da escola, com o objetivo de familiarizá-los com o espaço proposto as diversas atividades escolares: por meio deste contato as crianças ampliariam competências e capacidades para uso da biblioteca (PACHECO, 2007).

As atividades de práticas de incentivo à leitura colaboram com a popularização da cultura e a fortificação da cidadania, permitindo aos usuários da biblioteca escolar apreciarem sua história e cultura, assim como fortalecendo as ligações com a cultura local. Por meio dessas atividades, poderá ser desenvolvido um pensamento mais crítico frente ao mundo globalizado.

Nesse sentido, Fragoso (2002) resume as funções educativas e pedagógicas da biblioteca escolar, ao notar que para tais papéis as atividades de prática de incentivo à leitura se fazem fundamentais para concretização desses objetivos. Compreendemos que essas atividades são necessárias para a realização da função da biblioteca escolar no sistema educativo, permitindo ainda conhecer melhor seus usuários e criar atividades que possam desenvolver mais a leitura, o pensamento crítico e a participação.

Podemos citar, por exemplo, a hora do conto, que determina um novo modo de estimular a imaginação das crianças. A hora do conto é uma das atividades realizadas

com o objetivo de despertar nas crianças o interesse pelo mundo da leitura. Interpretar e contar histórias é uma maneira de incentivar aspectos que dizem respeito ao seu potencial de criatividade.

O hábito de ler e de ouvir histórias na educação infantil transforma-se em uma ação de aprendizagem, amplia valores, leva o leitor a alcançar o senso crítico em sua formação e faz com que as crianças tenham interação entre si, incentivando a capacidade e a inteligência. Se analisarmos com atenção, podemos notar que a prática de narrar e escutar histórias vai desenvolver crianças que gostem de praticar a leitura e que notem também a leitura como algo de lazer.

Para que o profissional da biblioteca, no caso o bibliotecário, tenha uma boa atuação, ele necessita, antes de tudo, gostar de ler, para estimular a rotina da leitura. Ele precisa estar hábil para agir com práticas pedagógicas com relação à leitura como também na escrita. Um de seus maiores compromettimentos é propiciar a aprendizagem por meio de vários recursos acessíveis na biblioteca. Para Caldin (2005, p. 164) “O bibliotecário tem uma responsabilidade enorme, pois depende dele (de seus próprios valores e crenças), o resultado das ações efetuadas dentro da biblioteca”.

A biblioteca escolar tem grande compromisso e incentiva quando proporciona aos estudantes novas práticas no incentivo à leitura. O bibliotecário pode desenvolver programas para essas atividades de leitura, segundo Santana e Amato² (2008, p. 22 apud PITZ; SOUZA; BOSO, 2011, p. 412):

O teatro de fantoches pode ser uma boa alternativa para maior interação entre as crianças. Quando as histórias estão sendo contadas, os alunos podem participar do momento da leitura como seus protagonistas. Habilidades como a criatividade, imaginação, maior concentração e desenvolvimento da coordenação motora são adquiridas e desenvolvidas com o auxílio do teatro de fantoches.

² SANTANA, Deuzimar Gonçalves de; AMATO, Josilma Gonçalves. **A biblioteca escolar como apoio a formação do leitor: revisão de literatura**. São Paulo: UNIFAI, 2008. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia). Centro Universitário Assunção, São Paulo, 2008.

As crianças e adolescentes devem estar cada vez mais em contato com os livros, por isso outra alternativa é a roda de leitura, onde eles contam suas histórias para os colegas e também ouvem as histórias, aguçando a curiosidade para a leitura. É interessante propor oficinas de leitura, nas quais escritores são convidados para conversar com os alunos sobre suas obras, sua produção e estilos de obras literárias.

A divulgação através de sinopses de livros também pode ser utilizada. Essas sinopses são disponibilizadas aos usuários da biblioteca, chamando a atenção para novos títulos.

Caixa estante que levará a leitura até os alunos na sala de aula. Uma seleção dos livros utilizados por alunos e professores é feita, permitindo um acervo com diferentes áreas do conhecimento.

Através do jornal da escola ou em painéis, os alunos podem registrar os livros que estão lendo e dar sua opinião, se acharam uma boa leitura ou não. Outra opção é apresentar o conteúdo do livro aos demais colegas após a leitura de uma obra.

As atividades de incentivo à leitura apresentam aos estudantes momentos agradáveis, apontando para a procura de novas leituras, além de oferecer uma ocupação saudável nas horas vagas, melhora o vocabulário, facilita na comunicação e aprimoramento da língua, adquirindo assim, novos conhecimentos e orientação do pensamento, auxiliando na inserção do universo da literatura.

Colomer (2003) sugere que os alunos devem explorar o ambiente da biblioteca e os livros por meio de ações como olhar, mexer, manusear, folhear e compartilhar, com o objetivo de que as informações que estão ali servem para fazer um trabalho escolar, pesquisar palavras, encontrar uma informação desejada, entre outros.

Portanto, as atividades de práticas de incentivo à leitura tem papel fundamental nas bibliotecas escolares, objetivando desenvolver a aprendizagem da leitura. A biblioteca escolar associada ao bibliotecário cria instrumentos que encaminham no

processo de educação e no desenvolvimento cultural dos estudantes, modificando suas vidas em distintas perspectivas unidas à sociedade, contribuindo no crescimento da escola de maneira geral.

É indispensável a realização de práticas conjuntas entre os bibliotecários, elaborando e reivindicando propostas para o desenvolvimento de leitores e para a criação de bibliotecas. Fazendo com que as bibliotecas sejam notadas e reconhecidas como mundo do saber, necessárias para oferecer uma educação de qualidade e formar um país de leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os tempos antigos, a leitura sempre se fez presente no cotidiano das pessoas, quer pela análise dos registros deixados pelos povos ou pela vontade de contar e escutar histórias da própria existência humana. A leitura é uma ação complexa e praticada em múltiplas direções. De fato, como foi explorado neste texto, o ato de ler está para além do objeto lido. Nesse sentido, não está preocupado, apenas, no que diz um conteúdo ou nos sentidos possíveis, mas, também, na prática cotidiana de ler o mundo. Mormente ao utilizar essa prática para usar e produzir de modo reflexivo e crítico informações e conhecimento.

Como foi visto nessa pesquisa, a biblioteca escolar é uma organização que ainda anda em direção de sua importância como elemento fundamental no processo de educação. A maior parte das escolas aborda a biblioteca somente como um depósito de livros, que fica distante das outras partes da escola, onde na maioria das vezes, o lugar da biblioteca não está apropriado para acolher o público que vem conhecê-la. Para modificar esse modelo é preciso, além de cuidar da aparência e da organização do material, que possamos contar com melhores condições pedagógicas, materiais, físicas e sociais para atrair os alunos, com propostas significativas de movimento e dinamização de atividades de leitura.

Dessa maneira, verificamos que a biblioteca escolar deve ser um espaço ativo da aprendizagem. Para isso, é preciso que as pessoas envolvidas no processo educativo

tenham uma visão de que a biblioteca é parte integrante da escola e as práticas nela abordadas devem fazer parte do currículo escolar. Nesse sentido, as práticas de incentivo à leitura constituem-se em métodos indispensáveis para promover a aprendizagem e o conhecimento. Assim, se a biblioteca escolar estiver adequada e equipada com os padrões determinados, a prática da leitura ocorrerá de modo pleno.

The incentive of reading in the school library

Abstract: Considers the assumption that is relevant to indicate, as early as possible, the universe of reading to children. Shows that the practice of reading is a part of human life and that is the condition to acquire, produce, organize, use and transmit knowledge. Considering these assumptions is to explore the difficulties related to the practice of encouraging reading in school libraries. It carries out a literature review and a theoretical debate. Identifies, analyzes and explores the habits of reading, the role of the school library and the mediation process that can stimulate the formation of children readers. Concludes that the school library is a teaching mechanism and essential mediator to encourage the habit of reading in schools, through the practice of reading activities, contributing to the cognitive development of the student.

Key-Words: Knowledge. Mediation. Reading. School Library.

REFERÊNCIAS

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artemed, 2005. 139 p.

BALÇA, Ângela Coelho de Paiva. Vamos à biblioteca: o papel da biblioteca escolar na formação de crianças leitoras. **Revista da Faculdade de Ciências e Tecnologia**, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 207-220, 2006.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7 ed. São Paulo: Ática: UNESCO, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2008.



CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. 451 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na Escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n.1, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez. 2011.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 35-45, 2003.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo: IFLA, 1999. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2014.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense. 2005.

PACHECO, Raquel. Incentivo ao uso da biblioteca nas séries iniciais: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 303-310, jul./dez. 2007.

PITZ, Juliana; SOUZA, Vanessa Aline Schweitzer; BOSO, Augisa Karla. O papel do bibliotecário escolar na formação do leitor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 405-418, jul./dez. 2011.

SALCEDO, Diego A. **Espelhos de papel: pelo estatuto do selo postal**. Recife: EDUFPE, 2014.



SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 2003.

Informações dos autores

Diego A. Salcedo

Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Ciência da Informação
Email: salcedo.da@gmail.com

Jailiny Fernanda Silva Stanford

Bacharel em Biblioteconomia
Email: jailinyfernanda@gmail.com



Artigo recebido em 09.08.2014 e aceito para publicação em 24.03.2016